

## CRÔNICA

Ana Lúcia Moura • nalumouradf@gmail.com



# Aos mestres, com carinho

**D**o primeiro era um jornalista respeitado e eu o conheci na redação deste jornal, mas foi em encontros de um clube de leitura que nos aproximamos. As reuniões aconteciam tarde da noite, após o corre corre estrangulante do fechamento da edição diária do jornal. O livro da rodada era *Casa Grande & Senzala*.

O segundo era um advogado com rica trajetória na defesa de presos políticos e me foi apresentado pelo jornalista, em um gabinete da Câmara dos Deputados. Havia acabado de assumir um novo mandato parlamentar e tinha uma missão difícil: dialogar com a oposição em um ambiente que se revelaria cada vez mais hostil. Naquele aperto de mãos, selamos um compromisso. Passei a integrar sua equipe de assessores, ao lado daquele veterano jornalista.

O terceiro era um sociólogo conhecido no meio político e entrou na minha vida por meio do advogado. Nos conhecemos no mesmo gabinete e ele se transformou em um de meus principais conselheiros na difícil tarefa de auxiliar um experiente político. Eu era uma jovem jornalista ao lado de três gigantes, que se tornariam uma das principais referências da minha vida. Com eles aprendi muito do que sei hoje e a eles devo enorme gratidão.

O jornalista era José Negreiros, o repórter e analista político mais brilhante que conheci e um dos amigos mais sinceros que tive. O advogado era Sigmaringa Seixas, um dos políticos mais habilidosos e íntegros com quem tive a oportunidade de trabalhar. O sociólogo era Fernando Jorge Caldas Pereira, um dos profissionais mais sagazes com quem convivi.

No Congresso Nacional, os dias eram intensos, começavam cedo, iam até tarde da noite e entravam pelos finais de semana. Reuniões, votações, incansáveis negociações para a aprovação de projetos, crises no governo, de quem Sigmaringa Seixas era uma das principais lideranças. Em quatro anos de forte convívio, nos tornamos amigos.

A esta altura, José Negreiros já havia partido para outro desafio profissional. Voltamos a dividir a mesma bancada de trabalho alguns anos após o fim daquele mandato parlamentar.

Desta vez, na Universidade de Brasília, onde, de novo, os dias eram vigorosos. Éramos ao mesmo tempo repórteres, editores, assessores, conselheiros, consultores, e o que vivenciamos ali, com outros jornalistas admiráveis, rende uma série de novas crônicas. Ao término daquela gestão, seguimos trabalhando juntos na então Secretaria de Aviação Civil, mas logo o destino o

conduziu a outro projeto e eu tive um burnout.

Nesse intervalo, Sigmaringa Seixas havia voltado ao escritório de advocacia, mas seu principal papel continuava sendo o de articulador político e eu seguia acompanhando suas histórias, eventualmente me arriscando em um humilde palpite. A Fernando Jorge, jamais deixei de recorrer sempre

que a tarefa parecia maior que minha capacidade de gerenciá-la, e ele me acolhia generosamente.

O jornalista, o advogado e o sociólogo deixaram a vida prematuramente, um após o outro, como se tivessem ensaiado, abrindo um vazio irreparável. Há tempos alimento a ideia de devolvê-los às páginas deste jornal, onde tantas vezes eles foram protagonistas. Só faltava coragem.

